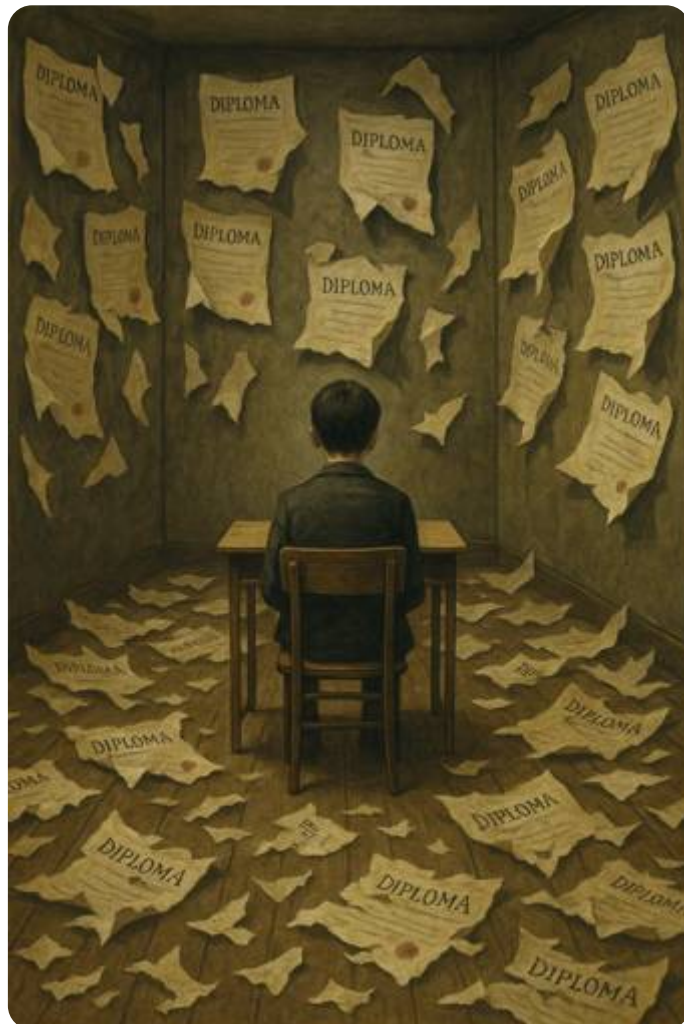


A República dos Diplomas Vazios

Publicado em 2025-10-28 10:25:50



A Ilusão do Ensino Obrigatório: entre o diploma e a ignorância

Há décadas, Portugal anunciou com pompa o triunfo da escolaridade obrigatória até ao 12.º ano.

Falou-se de progresso, de igualdade, de modernidade.

Mas no silêncio das salas frias, nas escolas cheias de papéis e vazias de sentido,

nas mentes jovens que aprendem a decorar mas não a pensar,

ergueu-se uma das maiores ilusões da nossa história educativa.

O país alargou o ensino, mas não o **elevou**.

Criou mais anos de escolaridade, mas não mais **anos de aprendizagem verdadeira**.

Ergueu paredes de inclusão, mas deixou as portas do espírito fechadas.

E na ânsia de se igualar à Europa, confundiu **quantidade com qualidade**,

obrigação com vocação, diploma com sabedoria.

O resultado está à vista:

gerações que concluem o 12.º ano sem compreender o que leem,

sem saber escrever um texto coerente,

sem dominar o raciocínio lógico ou científico,

sem cultura histórica, ética ou estética —
mas com o coração cheio de cansaço e o olhar vazio de
propósito.

A escola, que deveria ser **um templo do pensamento**,
tornou-se uma **fábrica de conformismo**.

Os professores, aprisionados entre grelhas e relatórios,
perderam a liberdade de ensinar com paixão.

Os alunos, domesticados por um sistema que avalia a
memorização e não a inteligência,
passam do 1.º ao 12.º ano sem nunca aprender a **duvidar
com coragem**.

E a inclusão, tão nobre em teoria, ficou presa à demagogia
política.

Incluiu-se fisicamente — mas não emocional nem
cognitivamente.

Criou-se um ensino para todos, mas sem se perguntar
como chega a cada um.

Ignorou-se a diversidade de talentos, de ritmos, de
mundos interiores.

A escola tornou-se uniforme — e o uniforme é sempre o
contrário do humano.

Um país verdadeiramente sábio teria feito o oposto:
transformaria a escola num **espaço de descoberta**,
onde o erro seria parte da aprendizagem,
onde o aluno não fosse “avaliado”, mas **revelado**.

Um lugar onde se ensinasse menos fórmulas e mais
consciência,
menos datas e mais sentido,
menos obediência e mais liberdade.

Mas Portugal preferiu o atalho estatístico.

Hoje mostra números e diplomas, gráficos e metas atingidas,

mas esconde o essencial: **a ignorância cultivada na aparência do saber.**

E assim, na ilusão de ter educado todos, acabou por educar quase ninguém.

A verdadeira revolução educativa não virá dos ministérios nem dos decretos.

Virá quando o país compreender que ensinar não é “dar matéria” —

é acender consciências.

E que o ensino obrigatório só fará sentido quando for também

um ensino libertador.

— *Francisco Gonçalves*

Série: Contra o Teatro da Mediocridade

[leia]



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)